

BUDISMO NA CHINA

Fontes: Embaixada da República Popular da China no Brasil

Existe um ditado chinês que resume perfeitamente a complexa religiosidade da população da nação mais antiga do mundo: *“Todo chinês é taoísta em casa, confucionista na rua e budista na hora da morte”*. Em seus 5 mil anos de história, a China teve a alma moldada pelos livros dessas 3 doutrinas, surgidas há mais de 20 séculos. Enquanto a **economia chinesa não para de crescer**, Confúcio, Tao e **Buda** ainda explicam muito sobre os chineses e sua relação com o mundo. Essas doutrinas se misturam e constituem a “religião tradicional chinesa”, que inclui de **filosofia e regras de etiqueta a magias, talismãs e reencarnação**. Mas hoje vamos focar em um componente específico da fórmula: **o budismo chinês**.

SOBRE O BUDISMO CHINÊS

Na China existem 56 grupos étnicos, cada um com sua própria cultura e **religião**, mas **entre todas as religiões, o budismo é a que mais tem adeptos**. É muito difícil avaliar o número de praticantes do budismo na China, pois **estão espalhados por todo o país**, e não existe um ritual de iniciação com contagem de novos adeptos.

O budismo chinês tem pelo menos 40 mil monges e monjas e mais de 5 mil templos e monastérios. O **budismo tibetano** é praticado pela maioria das 7 milhões de pessoas das etnias Mongol, Tu, Naxi, Pumi e Moinba, e com 120 mil monges em 3 mil templos e monastérios. O budismo Pali se professa principalmente pelos grupos étnicos Dai, Bulang, Deang, Va e Acheng. Conta com mais de 8 mil monges em mil templos.

Os monastérios e pagodes budistas encontram-se em todas as regiões da China; muitos dos quais são **mundialmente famosos** por sua arte budista, e as construções budistas são consideradas jóias da antiga arte chinesa. A Associação Budista da

China, estabelecida em 1953, é uma organização nacional, com 14 filiadas, e seu próprio jornal, o Fayin.

HISTÓRIA DO BUDISMO CHINÊS

A tradição se iniciou durante o reinado do Imperador Ming da dinastia Han do Leste (25-220 d.C.), que encomendou a Cai Yin e mais de 17 dirigentes e intelectuais que fossem a diversos países a oeste da China **em busca de informações sobre o Budismo**. Encontraram-se com Kasyapamatanga e Dharmaranya, duas grandes expressões do budismo na Índia, à época, convidando-os para uma visita à capital Luoyang, da época. Os dois líderes espirituais trouxeram em lombo de cavalos brancos **imagens e sutras budistas**. O Imperador Ming ordenou a construção de uma residência para eles em Luoyang, transformando-se no primeiro templo budista da China; o monastério Baima (Cavalo Branco em chinês).

A propagação do budismo foi inicialmente tímida e discreta; mas no terceiro século já estava bastante difundido. No século IV foi permitido aos chineses tornarem-se monges budistas, e no início do século seguinte, um célebre peregrino budista, Fa-Hien, introduziu na China uma grande quantidade de documentos búdicos que buscou diretamente na fonte, na Índia. O primeiro Budismo que chegou à China foi o **Mahayana**.

A princípio, os primeiros 42 sutras do budismo hindu foram traduzidos. Depois, o budismo foi amplamente divulgado na China durante os reinados Han do Leste, dos Imperadores Huan Di e Ling Di (147 – 189 d.C.). Quando Sakyamuni fundou o budismo na antiga Índia, diferentes formas de pregação se adaptaram aos diferentes públicos. Depois da morte de Sakyamuni, seus seguidores estabeleceram várias seitas conforme seus próprios entendimentos. **Entre estas seitas, as de Mahayana e Theravada são as maiores.**

Durante os anos entre as dinastias Han do Leste e Song, **130 estudiosos chineses e estrangeiros traduziram escrituras budistas para o chinês**. De todos os tradutores na história do budismo chinês, o monge Xuan Zang da dinastia Tang foi considerado o melhor. Viajou quase 25 mil quilômetros em 17 anos, trazendo da Índia 520 escrituras budistas em sânscrito e dedicou 20 anos para sua tradução ao chinês de 1335 textos em 75 capítulos das escrituras do budismo Mahayana.

O Budismo chinês, denominado foísmo ou Fo-Buda, foi adquirindo um caráter próprio e pessoal. Uma das razões para isso ter acontecido foi a dificuldade encontrada pelos tradutores dos textos indianos. O idioma chinês não se presta muito à expressões abstratas de idéias e teorias. A solução encontrada foi o recurso às expressões usadas no **Taoismo** e no **Confucionismo** conforme as semelhanças se apresentavam.

O Budismo chinês tornou-se então uma doutrina bem diferente do Budismo autêntico. Em lugar de nirvana, pregou a calma, a tranqüilidade do espírito; em lugar da abolição do desejo, o não agir Taoísta ou entre os Confucionistas, o respeito às regras e às formas tradicionais. A China dá ao Budismo uma atitude menos especulativa, menos interessada pelos problemas metafísicos e mais resolutamente orientada para os problemas da vida cotidiana. O Budismo, por seu lado, inculta à China uma atitude **mais profundamente religiosa**. A piedade filiar, que era sobretudo uma virtude de família, transforma-se em um culto. Os antepassados passaram a ser olhados como habitantes de um mundo sobrenatural. E o sentimento búdico da **piedade para com todos os seres que sofrem**, da **bondade universal**, foi para a China uma espécie de revelação. A Índia levou à China **o sentido da caridade e da beneficência**.



Budismo Theravada

O budismo Theravada prega a superação da ilusão e a despreocupação pela morte, de modo que o indivíduo possa converter-se em um Avatara, um santo iluminado. É mais cético e filosófico.

Budismo Mahayana

O budismo Mahayana enfatiza a salvação, não só de si mesmo, mas também de outros seres vivos. É uma espécie de caldeirão de crenças que aceita a existência de deuses, espíritos e criaturas fantásticas, como demônios e serpentes falantes. **Foi esta versão que fez sucesso na China, dando origem a duas formas de budismo típicas da China.** Uma é o *zen*, que misturou crenças budistas a práticas de meditação do taoismo e a outra é o “terra pura”, ramo mais popular, que venera diversos espíritos iluminados ao invés de um único Buda.